

A APOSTA DE NETANYAHU

Por Jean-Luc Baslé*



O primeiro-ministro israelense Benjamin Netanyahu (Ronen Zvulun/Reuters).

Preso à sua própria lógica, Netanyahu faz a única coisa que acredita valer a pena: provoca o Irã, apostando que os EUA não abandonarão Israel, nem o petróleo do Oriente Médio.

Em uma carta ao primeiro-ministro Lloyd George, em 23 de agosto de 1917, Edwin Montagu, o único judeu no seu governo, escreveu que a Declaração Balfour “acabará por fornecer um terreno de reunião para os antisemitas, de todos os países do mundo... parece inconcebível que o sionismo fosse oficialmente reconhecido pelo governo britânico e que Balfour fosse autorizado a dizer que a Palestina deveria ser reconstituída como o ‘lar nacional do povo judeu’. Não sei o que isso implica, mas acho que significa que muçulmanos e cristãos deveriam abrir caminho para os judeus.”

Depois acrescenta: “Afirmo que não existe nação judaica. Os membros da minha família, por exemplo, que vivem neste país há gerações, não têm nenhum tipo de visão ou desejo comum com uma família judia de outro país, a não ser praticarem mais ou menos a mesma religião.”

Ele termina a carta com palavras prescientes: “Tenho a sensação de que o governo está sendo demandado a ser o instrumento de realização dos desejos de uma organização sionista amplamente dirigida, segundo a minha informação, pelo menos no passado, por homens de origem ou nascimento inimigo, e que, por este

meio, desferiu um duro golpe nas liberdades, posição e possibilidades de trabalho dos seus compatriotas judeus.”¹

As políticas dos governos israelenses, com a notável exceção de Yitzhak Rabin, estão conduzindo ao impasse e à instabilidade no oriente Médio, ou pior. Parece que Benjamin Netanyahu, propositalmente, escolheu a pior. Após a destruição do Iraque, da Síria e da Líbia, o Irã é a única nação capaz de se opor militarmente a Israel. Netanyahu nunca escondeu seu desejo de aniquilá-lo por causa do seu apoio aos palestinos, anunciando todos os anos durante os últimos 15 anos que o Irã está prestes a obter armas atômicas.

Imitando Catão, o Velho, ele repete continuamente: “e o Irã será destruído.” Para atingir o seu objetivo, conseguiu que os Estados Unidos se retirassem unilateralmente, em maio de 2018, do Acordo de Viena sobre a energia nuclear iraniana, mais conhecido pela sua sigla inglesa JCPOA², assinado em 14 de julho de 2015³. Isto só poderia encorajar o Irã a obter armas atômicas, tornando esta nação a ameaça que Netanyahu denuncia.

Cumprido este primeiro passo, seguiram-se outros: em dezembro de 2016, os Estados Unidos reconheceram Jerusalém como a capital do Estado judeu. Em março de 2019, ratificaram a anexação das Colinas de Golã. Em janeiro de 2020, assassinaram o general iraniano Qassem Soleimani no Iraque. Em abril de 2023, a polícia israelense interveio na mesquita de Al-Aqsa, em Jerusalém. Em janeiro de 2024, cinco soldados iranianos foram assassinados em Damasco em um ataque atribuído a Israel que provocou uma resposta moderada do Irã. Em 31 de julho, Ismail Haniyeh, líder político do Hamas, foi assassinado em Teerã. O Irã promete vingança.

Nada disso se deve ao acaso. Não se trata de acontecimentos fortuitos, mas de provocações destinadas a arrastar o Irã para a guerra, a única forma de Israel alistar os Estados Unidos em um conflito que Washington não quer devido às suas consequências que poderão ser catastróficas e à oposição dos eleitores à medida em que as eleições presidenciais se aproximam⁴. A menos que sejam as dúvidas que o Pentágono nutre sobre sua capacidade de levar a cabo uma nova guerra⁵.

Quaisquer que sejam as razões que fazem Washington hesitar, Netanyahu não se importa. Ele ficou preso em sua própria lógica. Ele sabe disso. Ele joga o seu melhor. Ele segue a única estratégia que acredita valer a pena neste momento. Ao

¹ Memorando de Edwin Montagu sobre o antissemitismo do atual governo (britânico) – Projeto Balfour.

² Joint Comprehensive Plan of Action (Plano Conjunto de Ação Abrangente).

³ “President Donald J. Trump is ending United States participation in an unacceptable Iran deal” (“O presidente Donald J. Trump está pondo fim à participação dos Estados Unidos em um acordo inaceitável com o Irã”), The White House (archives.gov).

⁴ Dina Smeltz, “Majority of Americans oppose sending US Forces to defend Israel if attacked by Iran” (A maioria dos americanos se opõe ao envio de forças dos EUA para defender Israel se for atacado pelo Irã), Global Affairs, 6 de agosto de 2024.

⁵ A estes dois fatores, devemos acrescentar um terceiro: a falta de preparação do Exército americano para a guerra do futuro. “America isn’t ready of the wars of the future” (“A América não está preparada para as guerras do futuro”), Mark A. Miley e Eric Schmidt. Foreign Affairs, 5 de agosto de 2024.

provocar o Irã, aposta que os Estados Unidos não abandonarão Israel, nem o Oriente Médio e o seu petróleo, e que a Rússia e a China, alarmadas com os efeitos que a sua entrada nesta guerra iria causar, optarão pela abstenção.

Assim, é possível imaginar um cenário segundo o qual, ignorando sua relutância, os Estados Unidos lançariam um ataque nuclear surpresa ao Irã, utilizando bombas nucleares táticas ou minibombas, tal como previsto na Revisão da Postura Nuclear de dezembro de 2001⁶. Tal hipótese daria razão a Netanyahu, que ganharia assim a sua aposta. O Relógio do Juízo Final, hoje a 90 segundos da meia-noite, estará então mais próximo da hora fatídica⁷...

Em um editorial de 5 de agosto, Alastair Crooke pergunta: O Irgun de 1948 renasceu?⁸ Não. Ele não renasceu. Ele nunca morreu. O Estado palestino é apenas um nariz falso, uma cobertura para os Netanyahus deste mundo. É preciso ser muito ingênuo para acreditar que este Estado de que falamos há três quartos de século se tornará realidade um dia, enquanto a Cisjordânia for progressivamente ocupada por colonos israelenses⁹ – uma ocupação ilegal, como recordou a Corte Internacional de Justiça em seu último parecer jurídico¹⁰. O mundo, atordoado, assiste hoje ao resultado de uma tragédia que ignorou durante tempo demais. Que o eleitor americano salve o dia¹¹.

Publicado no [Cf2R](#).

***Jean-Luc Baslé** é ex-diretor do Citigroup New York e autor de *“L’Euro survivra-t-il?”* (2016) e de *“The International Monetary System: Challenges and Perspectives”* (1982).

⁶ Essas minibombas têm consequências radioativas, se quisermos acreditar nos documentos oficiais americanos.

⁷ *Current Time – 2024 – Bulletin of the Atomic Scientists* (thebulletin.org).

⁸ *“The 1948 Irgun re-born?” (“O Irgun de 1948 renasceu?”)*, BG Media, 5 August 2024.

⁹ *“La guerre à Gaza renforce les colons extrémistes” (“Guerra em Gaza fortalece colonos extremistas”)*, Ouest France, 20 de julho de 2024.

¹⁰ *“Israel should evacuate settlements, pay reparations, ICJ says” (“Israel deve evacuar assentamentos e pagar reparações, diz CIJ”)*, The Washington Post, 19 de julho de 2024.

¹¹ *“L’électeur américain sauvera-t-il la mise?” (“O eleitor americano salvará o dia?”)*.